

Geografia dos Esportes: apontamentos para o ensino médio¹.

Sports Geography: notes for high school.

Leomar Tiradentes²

RESUMO: Compreendido como uma atividade polissêmica e de caráter múltiplo, os esportes são grandes consumidores do espaço geográfico e por consequência, usufruem dos principais conceitos da Geografia, como por exemplo, o lugar, a paisagem, o território, entre outros, se vinculando cada vez mais à ciência geográfica. Existe uma interação entre ambos e ela ocorre no seio da sociedade. Considerando a Geografia dos Esportes como uma possibilidade de tratar esse fenômeno da sociedade contemporânea, cada vez mais estimulado pela mídia e também enraizado no imaginário popular, o presente trabalho tem como objetivo analisar as variáveis que possibilitam aos alunos do ensino médio brasileiro, pensar o esporte como novo elemento de uma Geografia, que interage e interfere no consumo e no fazer cotidiano. A pesquisa aborda uma discussão e revisão do tema para o ensino de Geografia em nível médio apontando sugestões para a sua prática. Conclui-se que os esportes constituem uma atividade heterogênea, fruto de uma territorialização que envolve complexas relações e que cativa o mundo e a sociedade de um modo geral, sendo percebidos como parte integrante de processos que envolvem a análise espacial e a caracterização socioeconômica e político cultural, elementos por excelência, geográficos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia; Esportes; Geografia Humana.

ABSTRACT: Understood as a polysemic activity and of a multiple character, sports are great consumers of geographic space and, consequently, enjoy the main concepts of Geography, such as place, landscape, territory, among others, becoming more and more connected to geographic science. There is an interaction between the two and it occurs within society. Considering Sports Geography as a possibility to deal with this phenomenon of contemporary society, increasingly stimulated by the media and also rooted in the popular imagination, the present work aims to analyze the variables that enable Brazilian high school students to think about sport as a new element of Geography, which interacts and interferes with consumption and daily activities. Geographic in nature, the research addresses a discussion and review of the topic for teaching Geography at a high level, pointing out suggestions for its practice. It is concluded that sports are a heterogeneous activity, the result of a territorialization that involves complex relationships and that captivates the world and society in general, being perceived as an integral part of processes that involve spatial analysis and socioeconomic and political characterization cultural, elements par excellence, geographic.

KEYWORDS: Geography Teaching; Sports; Human Geography.

¹ O presente artigo é parte do trabalho de pós-doutoramento na Universidade de Coimbra que resultou no livro Geografia do Desporto e do Turismo para a sala de aula, a ser lançado em 2020 pela Editora Appris.

² Geógrafo, Professor Doutor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: leotiradentes@yahoo.com.br Orcid. <https://orcid.org/0000-0002-7258-7926>

INTRODUÇÃO

Compreendido como uma atividade polissêmica por ser ao mesmo tempo, uma forma de aptidão física, uma ação condicionante para a saúde, um jogo competitivo, uma busca por qualidade de vida e tantas outras variáveis, os esportes são também, grande consumidores do espaço geográfico e por consequência, usufruem dos principais conceitos geográficos, como por exemplo, o lugar, a paisagem, o território entre outros conceitos, vinculando-os cada vez mais a Geografia.

Os esportes são atividades que se interagem e se agregam em vários momentos geográficos, o que permite um amplo leque de discussões e aprofundamentos sobre suas funções, formas e conteúdos. Muitas dessas discussões encontram na sala de aula o ambiente propício para ser trabalhado.

As mudanças que o Brasil passou em relação aos grandes eventos esportivos - Copa do Mundo e Olimpíadas – ainda têm levado os alunos a indagarem qual o resultado disso tudo para o país e para a sociedade brasileira. Como compreender essa Geografia dos Esportes? É possível abordar esse conteúdo de maneira prática e eficiente com os alunos em sala de aula?

Diante dessas inquietações, optou-se por ter, como categoria de análise principal, a variável esporte, que é um tema que atrai a atenção dos alunos, mas também, o interesse de investigadores de variadas áreas. Ao mesmo tempo, a temática proposta, vem demonstrando uma ampla capacidade de transformação do espaço geográfico e uma possibilidade de levar os alunos a repensarem seus papéis nesse contexto.

O objetivo maior desse trabalho é compreender os elementos teóricos que constituem a Geografia dos Esportes e pensá-los, cada vez mais, em relação à educação.

Num primeiro momento, a escolha desse tema do trabalho – Geografia dos Esportes – deve causar alguma estranheza aos olhos de quem os lê. Entretanto, tal situação, que nos parece bem familiar, é decorrente da vivência com esse tópico que sempre percorreu a vida acadêmica do autor.

Abordar uma Geografia dos Esportes em sala de aula é uma possibilidade ou necessidade de se ter novos modelos de ensino aplicáveis no cotidiano escolar, e isso, pode provocar em alguns professores uma ruptura na sua zona de conforto e levá-los a refletirem como aproximar ainda mais o estudante do ensino médio da realidade geográfica. Uma hipótese é justamente levar os esportes como tema transversal para

dentro da Geografia, fazendo-o, como um grande aliado no processo de ensino/aprendizagem.

O presente artigo emprega uma análise descritiva sobre os esportes e o lazer, buscando compreender a importância da Geografia dos Esportes na realidade do contexto do ensino médio.

A relevância deste trabalho justifica-se como uma possibilidade de identificar, caracterizar e também buscar alternativas que apontem para as prováveis inclusões desse conteúdo em sala de aula.

OS ESPAÇOS DE PRÁTICA

Na ciência geográfica, o esporte, pode ser visto por variados ângulos ou formas, principalmente quando se trata de dois conceitos fundamentais: espaço e território. O esporte introduz, no espaço, objetos definidos pela possibilidade de permitir o desenvolvimento da atividade, conferindo-lhe um novo significado, para atender a uma nova demanda de uso.

Nesse contexto, os espaços são diferentemente valorizados pelas sociedades, em função das possibilidades técnicas que determinam sua utilização. Essa valorização dos espaços pelos esportes é dada em função de valores culturais e econômicos, que podem ser mutáveis no tempo e no espaço.

Na maioria das vezes esses esportes e suas práticas são fortemente influenciados pelas condições climáticas. Se olharmos apenas sob o ponto de vista das condições climáticas, por si só já é uma questão geográfica, mas ele extrapola esse fator, pois outras variáveis de cunho socioeconômico, também agregam aspectos fundamentalmente geográficos.

Pode-se afirmar que a Geografia vem buscando compreender essa nova relação, não mais se furtando ao seu papel enquanto ciência humana. Essa temática tem uma função muito importante no âmbito da Geografia, porém, sua presença tem de emergir inserida num conjunto mais amplo, não o de simples fenômeno esportivo, desse modo, poderá implicar uma participação mais ampla, meditada e responsável da Geografia no meio escolar, quando pensado a partir dos vários segmentos envolvidos.

Percebe-se que o objetivo aqui não é discutir os esportes como um fator fisiológico, psicológico, ou mesmo olímpicos, o viés é geográfico; é focar os aspectos socioeconômicos, ambientais e culturais que estão por trás das atividades esportivas,

discutindo como essa atividade se apropria e utiliza do espaço e da natureza, da paisagem e do lugar.

De acordo com a “Carta Europeia de Desporto” publicada na 7ª Conferência dos Ministros Europeus do Desporto em Rhodes (Grécia), em maio de 1992, há um assentimento que os desportos são

todas as formas de actividades físicas que, através de uma participação organizada ou não, têm por objectivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis (PORTUGAL, IDESPORTO, 1992, p. 03)

Ao se falar de esporte, na maioria dos casos, é entendido como uma atividade desportiva, cognitiva e fisiológica que possibilita novos rearranjos no dia a dia dos sujeitos e como consequência, a probabilidade de bem-estar social e cultural que muitos cidadãos buscam a todo custo, trazendo também, o sentido de fazer dos esportes momentos de interação, convívio social e lazer.

Os megaeventos que o Brasil passou desde 2010 e que culminou em 2016 com a concretização das Olimpíadas e as Paraolimpíadas do Rio de Janeiro, contribuíram ainda mais para a divulgação e a prática esportiva, o que tem levado os estudantes a discutirem essa temática em seus círculos de amizade e de convivência. Como afirma Fernandes (2014)

a motivação do Brasil para sediar a Copa do Mundo e as Olimpíadas – os dois maiores eventos esportivos e midiáticos do planeta – não foi obter a aprovação mundial como anfitrião de grandes eventos, ou passar nos testes de logística e organização, embora estes sejam quesitos de fundamental importância. A oportunidade de sediar os dois megaeventos em sequência não se resume à construção e à modernização de estádios e equipamentos esportivos. O que motivou o Brasil a recebê-los foi identificar neles uma chance única, uma janela singular e histórica de oportunidades para fortalecer e acelerar seu desenvolvimento (FERNANDES, 2014).

Esses megaeventos mexeram com o imaginário das pessoas e se configuraram como manifestações do uso e da apropriação do espaço geográfico pela atividade desportiva, que (re)constrói toda uma categoria social.

Mas a atividade esportiva não tem consumido só o espaço urbano. De acordo com Bale (1989), os anos de entre guerras testemunharam o surgimento de um crescente esporte na natureza, extensiva ao espaço, que causou uma impressão sobre a paisagem, e

exigiu uma quantidade considerável de espaço. Ao mesmo tempo, as atividades recreativas e esportivas aumentaram suas demandas por terras urbanas e rurais.

As cidades e seus espaços de lazer, quase sempre inexistentes ou esquecidos, são fundamentais para a vida urbana, entretanto, não são devidamente valorizados, seja pelos gestores dos órgãos públicos e muitas vezes pelos próprios cidadãos. Geograficamente, estudam-se as relações urbanas e seus espaços, mas a mera teoria nem sempre percebe que os contrastes e tensões ou mesmo as grandes transformações que a cidade sofre, podem ser também, fruto da ausência ou de subutilização dos espaços de lazer - pelo esporte -, espaços esses que possibilitam uma maior conectividade entre as pessoas e os lugares, e que resultam, numa melhor qualidade de vida para todos.

Entendendo a cidade como o campo principal das relações sociais, que é o próprio espaço geográfico, os esportes vão se tornando mais visíveis e presentes, constituindo-se num importante consumidor desses espaços, significando para os que usufruem desses locais como áreas de lazer.

Por fim, sabemos que a cidade se transformou com a industrialização e com o capitalismo concorrencial, tornando-se o lugar perfeito de acumulação de riquezas, conhecimentos, técnicas e obras. É, portanto o espaço principal de uso das atividades esportivas. Nesse contexto, podemos visualizar claramente que a ciência geográfica tem muito a contribuir com os esportes e com o lazer.

LAZER, A INTERFACE COM OS ESPORTES

Lazer e esportes, o que há em comum? Essa abordagem, feita por estudiosos do tema, como Gaspar (1982), Jesus (1999), Cunha e Cravidão (2008), focadas principalmente no lazer, nos parece um quanto necessário retomar essa questão nesse trabalho, até porque estamos buscando compreender em que interface essas categorias de análise se interagem e justificaria a sua inserção no contexto do ensino médio.

Como prática rotineira, os esportes caracterizam-se como um fenômeno capaz de atrair as massas, e ao mesmo tempo, favorecer todo um processo produtivo local e até mesmo nacional, sendo uma força motriz que potencializa a economia e de maneira geral, pode ser então compreendido como uma forma de recreação e lazer que consome amplamente o espaço geográfico e suas categorias.

Partindo do princípio que o lazer é o eixo integrador dos esportes, procurou-se identificar conceitualmente o que é lazer, resgatando alguns conceitos que abordam o tema e como ele pode ser entendido no processo de ensino aprendizagem.

Para Umbelino (2005)

As práticas de lazer são, em cada época e lugar, o resultado de uma determinada disponibilidade de tempo e das opções para utilizar. Esta é, sobretudo, uma matéria que decorre de situações e escolhas individuais, mas que pode igualmente ser interpretada no plano coletivo, pela verificação de tendências e regularidades nessas mesmas situações e escolhas (UMBELINO, 2005, p. 155).

Se essas práticas de lazer são comuns a cada época e lugar, o lazer então é fruto do próprio processo de evolução da humanidade, salpicado de ações econômicas, políticas e sociais que respingam diretamente sobre a sociedade que a vive, corroborando com o próprio processo produtivo em diferentes realidades ou viés.

As concepções de lazer são variadas, e essa variabilidade do significado de lazer deve expressar acima de tudo uma liberdade de expressão e de escolha de cada indivíduo. Isso se dá porque segundo Tercio (2005), “o homem é um ser aberto ao mundo, atuante, apto para construir dimensões alternativas no âmago da busca de um sentido para o mundo”.

De acordo com Patmore (1983, p.27) o lazer pode ser distribuído em quatro setores, em função da natureza de suas práticas e dos seus espaços, se caracterizando como formas de consumo do lazer e que implicam novas socioespacialidades. Para o autor, nesses setores – artes, esporte, turismo, recreação e sociabilização - a parcela comercial, tanto de serviços como de bens, absorve uma elevada proporção de despesas de lazer individual e abrange uma vasta gama de atividades de lazer, valorizando ainda mais esse espaço. Percebe-se que o esporte é um desses setores envolto pelo lazer.

Santos (1979, p. 279), também menciona esses quatro setores, e justifica que eles são formas de lazer/consumo que dependem diretamente da especialização comercial e de serviços determinando as reestruturações dos espaços e de suas funções.

Nesse contexto, o Turismo como fator potencializador do lazer, é sem dúvidas, o setor que mais apresentou avanços ao longo das últimas décadas. As atividades turísticas produzem impactos que em sua amplitude são resultantes das características de mercantilização da paisagem, ou seja, um processo de consumismo do lazer/turismo, mediado principalmente pelos agentes e operadores de viagens e turismo e os profissionais de marketing e publicidade turística.

O setor esporte, também compreendido como uma forma de turismo é uma das variáveis do lazer que se destaca na sociedade contemporânea. É ao mesmo tempo a possibilidade de criação ou remodelação do espaço físico e de serviços, mas também, uma forma de recreio e de sociabilização. Assim, segundo Santos (1999),

o desporto, condicionador da organização de áreas urbanas e motivador de contactos com a natureza, assume-se como uma conquista da modernidade tardia; atribui-se uma considerável importância ao aspecto físico e reconhece-se, à prática desportiva, o poder de minimizar doenças de uma sociedade de cadeira e caneta ou, mais recentemente de teclado e monitor. (SANTOS, 1999, p. 280).

Já as Artes, como setor do lazer, Segundo Santos (1999, p. 281), também são importantes na estruturação espacial e nas estratégias do dia a dia de alguns indivíduos, pois habitualmente, a arte consegue transformar os seus lugares de aquisição em lugares de práticas, ampliando os seus espaços em número e superfície, se habilitando desde uma feira artesanal a um conjunto arquitetônico, em suma, as mais diferentes formas e expressões da Arte contribuem para o lazer.

E no último setor apontado, as práticas e os espaços de Recreio e Sociabilização sugerem, a maior pluralidade de lugares de práticas e equipamentos. Ainda em Santos (1999, p. 281), esse setor enquanto feições de lazer são também formas de consumo e ainda, claramente, formas de identidade social. Em síntese, é o conjunto de satisfação da necessidade individual que se caracteriza pela diversidade de estilos de vida e de identidades sociais. Portanto, como justifica Patmore (1983, p. 70), a simples descrição dos padrões de lazer enfatiza sua variedade tanto no tempo como entre os indivíduos.

As quatro formas de lazer apontadas possibilitam afirmar que o próprio termo lazer não é uma unanimidade, e pode ser tratado como sinônimo também de ócio, recreação, tempo livre, tempo não trabalhado. Para Umbelino (1999) a inexistência dessa unanimidade se dá por três motivos fundamentais: O primeiro está ligado à carga cultural que varia entre os países ou mesmo individualmente e possui valores de uso e distribuição bem diferenciados; o segundo, porque a existência de um conjunto de expressões ou palavras que o determina, não está bem definido; e por último, aponta a baixa produtividade científica sobre o tema, não consolidando o seu debate.

Discordando do terceiro motivo, o tema vem sendo bastante discutido no meio acadêmico sendo abordado em outras áreas do conhecimento científico, destacando principalmente as áreas de Sociologia e da Educação Física, mas realmente, pouco tratado

pela ciência geográfica ou nas palavras de Umbelino (1999), o tratamento do tema do lazer pelos geógrafos tem um balanço pouco rico, justificando que “o conteúdo social dos estudos geográficos era escasso, exceto quando se evidenciavam aspectos peculiares na relação entre homem e o meio natural” (UMBELINO, 1999, p. 155).

Assim, se justifica o pouco uso ou exploração do tema pela ciência geográfica ao longo dos tempos, deixando para o último quartel do século passado, os primeiros trabalhos geográficos sobre o lazer principalmente após a década de 50.

Portanto, o lazer é plenamente influenciado pelo trabalho e surge nos dias atuais como uma forma de compensação frente ao trabalho exigido. O lazer atualmente não significa excluir o trabalho, pelo contrário, o trabalho é uma condição para o lazer.

O conceito mais utilizado de lazer é sem dúvida, o que é apresentado por Dumazedier (2001) que o justifica como um

conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2001, p. 34).

Dumazedier é hoje uma referência no trato da questão do lazer, Umbelino (1999: 49) já mencionava que Joffre Dumazedier se transformou em referência chave para qualquer estudo sobre o lazer, ideias também defendida por Provonost (1993, p. 43), “a abordagem mais famosa e certamente a mais importante é a de Joffre Dumazedier”.

A luz da orientação de Dumazedier (1962), apud Peixoto (2012), justifica que

o lazer é todo o tempo excedente ao tempo devotado ao trabalho, sono e outras necessidades, ou seja, considerando as 24 horas do dia e eliminando o trabalho, o sono, a alimentação, e as necessidades fisiológicas, obtemos o tempo de lazer. O Lazer é uma série de atividades e ocupações com as quais o indivíduo pode comprazer-se de livre e espontânea vontade, quer para descansar, divertir-se, enriquecer os seus conhecimentos, aprimorar as suas habilidades ou para simplesmente aumentar a sua participação na vida comunitária (PEIXOTO, 2012, s/p).

Para, Mascarenhas (2003), o lazer é um

Fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassando por relações de hegemonia (MASCARENHAS, 2003, p. 123).

Na visão de Aquino & Martins (2007), o termo lazer, é

Atualmente utilizado de forma crescente, podendo ser empregado em sua concepção real ou ser associado a palavras como entretenimento, turismo, divertimento e recreação, porém o sentido do lazer é tão polêmico quanto a origem e o sentido do termo ócio (AQUINO; MARTINS, 2007, p. 484).

Segundo esses autores, a amplitude do conceito de lazer extrapola a questão esportiva, ele também está também enraizado em outras temáticas que envolvem o turismo, a natureza, as cidades e a população em geral. Para Moucho (2014), lazer é “tempo livre, considerado como o período de tempo não sujeito a deveres”, justificando que o termo lazer não implica só em turismo. Lobo (2014), afirma que o lazer “consiste no tempo que se despende em atividades de repouso ou distração”, e que o lazer é um dos principais motivos para se fazer turismo. Por sua vez, Fernandes & Matos (2014), argumentam que é o “conjunto diversificado de ocupações a que o indivíduo pode entregar-se de livre vontade”.

Nesse sentido, os esportes são formas variadas de lazer e que na educação tem um significado especial, segundo afirma Marques (2003),

a educação para o lazer, ou a educação para o tempo livre, para sermos mais abrangentes, tem como objectivo formar o indivíduo para que viva o seu tempo disponível da forma mais positiva, sendo um processo de desenvolvimento total através do qual um indivíduo amplia o conhecimento de si próprio, do lazer e das relações do lazer com a vida e com o tecido social. (MARQUES, 2003, s/p).

Avançando nessa questão Domingos *et al.* (2016), insere o conceito de ócio evidenciando que a origem latina da palavra, que significa descanso, e argumenta também que lazer ou tempo livre é considerado o período de tempo não sujeito a deveres.

Em todos os conceitos apresentados, sem dúvidas que há uma correlação de sinônimos e significados, mas todos estão relacionados, ainda que indiretamente, aos esportes. É, portanto, um motivo para a Geografia estudar essa relação.

Lazer, portanto, significa tempo livre? No nosso entendimento, não, ele vai além dessa percepção simples da palavra; um jogo, uma festa, uma leitura de um livro ou um filme pode ser percebidos como lazer, mas não implica que estejam sendo feitos dentro de um tempo livre de um indivíduo. Hourdin (1970) argumenta que

foram precisos os tempos modernos e a noção de obrigação criada pelo trabalho industrial para que aparecesse irresistivelmente essa ideia de

tempo livre, que representa, além de uma nova maneira de ser, uma liberdade conquistada (HOURDIN, 1970, p. 23).

Essa obrigação também é percebida por Paul Lafargue em seu clássico livro “O direito à preguiça” de 1883, que justifica a existência de

uma estranha loucura está a apossar-se das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Essa loucura arrasta atrás de si misérias individuais e sociais que, há dois séculos, atormentam a triste humanidade. Esta loucura consiste no amor ao trabalho, na paixão moribunda pelo trabalho, levada ao depauperamento das forças vitais do indivíduo e da sua prole (LAFAGUE, 1991, p. 15).

Lazer e trabalho aparecem concomitantemente na história, porém o lazer se faz necessário, quando a classe trabalhadora, vítima de processo exploratório que estava (e está) subjugada, percebe (ainda que forçosamente) que seu descanso é fundamental para continuar a ser explorado pelo processo produtivo do sistema capitalista.

Historicamente autores como Hourdin (1970), já argumentava que a nossa civilização é uma civilização do trabalho: “o *homo sapiens* ter-se-ia tornado *homo faber*” e que esse fenômeno tem seu início no século XIX com o advento da civilização industrial. Ao abordar a questão do corpo e da criação para justificar o tempo livre, Hourdin (1970), aborda a temática dos esportes como atividade fundamental para permitir ao homem moderno reencontrar os ritmos de vida e seu contato junto a natureza.

Para Santos; Gama (2008), a prática dos esportes é uma forma de lazer, pois

O desporto e as práticas desportivas detêm uma grande importância entre as práticas do tempo fora do trabalho. Numa sociedade onde o aumento da mobilidade dos indivíduos representa a existência de uma espacialidade mais extensa, devido aos meios de transporte, à estrutura profissional e ao modo de vida urbano, o desporto assume um lugar privilegiado por excelência. (SANTOS & GAMA, 2008: 75).

Essa valorização dos esportes tem a ver com a relação de tempo de trabalho/tempo livre, pois é uma reprodução social do que a própria sociedade aceita como normal ou tolerável dentro dos padrões capitalista de produção. Cabe a ciência geográfica e seu leque de possibilidades e de olhares, buscar compreender essas atividades esportivas como agentes modificadores e transformadores do espaço geográfico e isso deve ser aplicado em todos os níveis de formação, daí, a necessidade de uma Geografia dos Esportes para estudá-la com mais afinco.

O ESPORTE NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A primeira pergunta que se faz é: Porque trabalhar os esportes na Geografia? Ainda que num primeiro momento, seja uma pergunta um tanto quanto simplória, a questão se torna complexa quando se pensa o que realmente se pretende melhorar no processo de ensino/ aprendizagem ou na maneira de ensinar.

A Geografia vem buscando há anos romper com os velhos paradigmas do ensino no que tange a sua metodologia tradicionalista e pouco prática aos olhares dos alunos. Pensar o esporte como um novo conteúdo no processo de ensino de Geografia é uma tarefa necessária, ainda que exija um ajustamento de algo inédito para os docentes; mas é o momento para dar significado a esta nova possibilidade em sala de aula, uma vez que os esportes apresentam uma significativa relevância territorial e socioeconômica, que precisa de um tratamento diferente por parte da Geografia.

Propor que a ciência geográfica insira em sua linha de investigação um conteúdo que é abordado por outras áreas, como a Sociologia e a Educação Física, pode parecer estranho e desconexo, mas é, no entanto, uma possibilidade de abarcar uma temática que pode alavancar o gosto pela Geografia ampliando a sua prática em sala de aula.

Partindo desse pressuposto, se questiona o que é Geografia dos Esportes. Esta subárea científica é muito recente e pouco abordada no Brasil. De acordo com Mascarenhas (2005), um dos pioneiros a abordar o tema no Brasil, a “Geografia do esporte consiste essencialmente no estudo da dimensão espacial da atividade esportiva”.

De fato, aqui podemos dizer que a dimensão deve ser a territorial, isto porque, para além do espaço, são as pessoas, as suas práticas e os elementos naturais e culturais que a prática desportiva envolve, encontra na Geografia, uma base substancial para ser analisada.

A inexistência de uma fundamentação teórica, devido principalmente a sua recenticidade, constitui um dos fatores que justificam a inexpressiva literatura sobre o tema e um dos desafios a se vencer perante a academia e a sociedade. Ainda segundo Mascarenhas (2005),

Como qualquer outra ramificação do saber geográfico, a Geografia dos esportes se preocupa em primeiro lugar com a distribuição espacial do fenômeno esportivo. O estudo sistemático de tal distribuição revela importantes aspectos econômicos, históricos, socioculturais e políticos, além daqueles de ordem climática. Por fim, a Geografia dos esportes reúne um conjunto de informações e análises que podem e devem municiar o planejamento urbano e regional, estabelecendo um

zoneamento esportivo, definindo áreas com suas potencialidades e carências específicas. (Mascarenhas, 2005, p. 719).

O que observamos, é que a prática esportiva se apropria e consome um espaço significativo para a sua efetivação, tendo no espaço geográfico, a expressão dessas práticas e a identificação de locais específicos para realizações, diferenciando e potenciando os lugares. Nesse sentido, envolve espaços que são urbanos, mas que também podem ser rurais, centrais ou marginais, litorais ou de interior, de montanha, aquáticos ou aéreos. Na verdade, são espaços que representam o mais íntimo e o mais diverso da sociedade humana, foco central dos estudos geográficos.

Com base no que foi apresentado até agora, acreditamos que os esportes, têm um conjunto estrutural que os aproximam significativamente dos saberes e objetos geográficos e que contribuiriam muito para a nossa ciência.

Como possibilidade de se trabalhar com esses temas no ensino médio, apresentamos uma sugestão de proposta de conteúdo para a Geografia do Esporte (Tabela 01).

Tabela 01. Proposta de conteúdo para Geografia dos Esportes.

Série	Conteúdo	Hora/aula
1 ^a	Introdução e interface com os conceitos geográficos	1
1 ^a	A transformação do espaço geográfico pelo desporto	2
1 ^a	Os impactos desportivos na paisagem local e global	1
1 ^a	O lazer como atividade econômica, social e cultural	1
1 ^a	Os grandes eventos esportivos e a geopolítica dos esportes	1
TOTAL DE HORA/AULA		6

Fonte: Dados do Autor, 2017.

Nossa proposta é no sentido de auxiliar aos professores de Geografia que se interessam por essa temática e que acreditam que possam abordá-la no ensino de nível médio.

Primeiramente, propõe-se que a temática dos esportes, seja administrada no primeiro ano do ensino médio por se tratar de um conteúdo bastante prazeroso e que envolve significativamente os alunos que se encontram numa faixa etária onde o gosto e a prática de alguma atividade esportiva de forma regular se faz mais presente.

Em segundo lugar, cremos que ao inserir a Geografia dos Esportes logo após o ensino dos conceitos fundamentais da Geografia, que normalmente é administrada no primeiro bimestre de cada ano letivo, estaremos contribuindo ainda mais para fundamentar a fixação desses conceitos no universo dos alunos envolvidos. Vale ressaltar

que essa temática também pode ser abordada ainda como um tema transversal ao se trabalhar as temáticas da urbanização, da função das redes ou mesmo como um estudo de caso em qualquer série.

A proposta de conteúdos que está idealizada é um total de 06 horas/aulas a serem dadas no primeiro bimestre conforme já citado e essas aulas seriam retiradas de outros conteúdos ao longo do ano letivo, no total de menos duas aulas em cada bimestre. Com isso, cremos que toda a temática dos esportes, sob o olhar geográfico, seja amplamente trabalhada pelos docentes. Essa quantidade de aulas propostas, foi pensada no sentido de possibilitar que todos os subtemas apresentados, sejam amplamente abordados, sem comprometer os demais temas tratados na série.

A primeira temática a ser trabalhada é denominada de: Introdução e interface com os conceitos geográficos. Esse tema visa a “orientar” o entendimento e amenizar a surpresa que esse tema causa no início desses trabalhos, ao mesmo tempo, criar ou aprofundar a relação com os conceitos geográficos, mostrando que os esportes estão inseridos e se apropriam de todos os conceitos geográficos já trabalhados no conteúdo anterior.

A transformação do espaço geográfico pelo desporto é a temática da segunda e terceira aula. Nesse conteúdo caberá ao professor trabalhar com exemplos de como as modalidades esportivas praticadas no espaço rural ou urbano resultam em profundas transformações ambientais e socioeconômicas e até mesmo pessoais no cotidiano das pessoas. O ideal é que sejam destinadas duas aulas para esse tópico, abordando as práticas, as instalações onde ocorrem, os estilos de vida de quem pratica, a sociabilização, o lazer desportivo e a competição.

À quarta aula, tem como foco abordar os impactos desportivos na paisagem local e global. Nesse momento, pode-se utilizar como estratégia de aula, falar de alguma modalidade desportiva que envolva os alunos, como por exemplo, o futebol; e em cima dessa temática, levar os alunos a perceberem como os esportes investem sobre a paisagem local, transformando todos em agentes inativos ou ativos do processo de reprodução do espaço que ele se insere.

Na quinta aula, o objetivo é trabalhar o lazer como uma necessidade física e mental e que na maioria dos casos como um fato agregado ao processo produtivo capitalista, que é como a Geografia pode participar desse procedimento. O lazer como atividade

econômica, social e cultural, sendo analisado ao longo da história e as transformações que dele resultam.

A sexta aula é uma proposta de se trabalhar os grandes eventos desportivos e a questão da geopolítica relacionada aos desportos, como uma atividade fim das inúmeras ideologias vivenciadas pela própria humanidade e que resultaram num processo de dominação social ou ideológica dos governos centrais. Nesse tópico faz-se necessário, utilizar o termo olimpismo para justificar as ações que os Estados centrais utilizaram para mostrar o seu potencial ou força política, como por exemplo, os boicotes aos jogos olímpicos de Moscou (1980) ou Los Angeles (1984).

Todo esse conteúdo não pode ser administrado, sem ser pensado como uma aplicação prática; é fundamental que se busque mecanismo ou situações que possibilite a existência de aulas práticas de campo, tornando o aprendizado muito mais significativo e estimulante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia tem muito a contribuir com os esportes, pois seu campo de trabalho e atuação é o espaço geográfico, é a paisagem, o lugar, o território, a região e outros, colaborando por criar uma ampla gama de territorialidades. Ao focar os conceitos geográficos sobre essa nova temática, a ciência geográfica abre novas possibilidades às outras ciências no sentido de melhor compreender como esses fenômenos se comportam no tempo e no espaço.

Os esportes são aos olhos de quem os estuda um processo heterogêneo, fruto de uma territorialização que envolve as complexas relações urbanas e rurais que cativam o mundo e a sociedade de modo em geral, mas que são vistos apenas como um fato e ninguém melhor do que a Geografia para melhor compreender e analisar as territorialidades que eles possibilitam.

Para se compreender o papel da Geografia dos Esportes, se faz necessário construir uma base epistemológica que justifique o papel dos esportes e seu contexto na Geografia, e esse trabalho é apenas um pontapé inicial, que pretende fomentar essa discussão sobre o tema, entretanto, não se pode mais negar sua existência e seu caráter geográfico.

Considera-se que é possível abordar essa temática em sala de aula, de forma eficaz conforme apresentado anteriormente. Ensinar os esportes é antes de tudo, levar os alunos a reconhecerem que se trata de uma atividade econômica, social, ambiental e cultural,

portanto, de interação com um mundo cada vez mais globalizado e conflitante e que envolve a toda a sociedade.

Trabalhar os esportes representa também a possibilidade de uma maior integração inter, multi ou transdisciplinar que a Geografia pode realizar com as outras ciências, buscando parceria com a Educação Física, Filosofia, Sociologia e outras, sendo, portanto, um tema transversal significativo e que a escola pode se envolver completamente.

O que ensinar também dependerá muito do projeto político pedagógico da escola, bem como o envolvimento dos professores em querer trazer para si a responsabilidade de buscar um conteúdo que é altamente estimulante para essa faixa etária e que pode melhorar e muito sua prática pedagógica, propomos apenas alguns apontamentos a serem abordados em sala de aula, mas cremos que essas temáticas são mais amplas e podem ser trabalhadas de maneiras diferenciadas em cada prática docente.

Por último, tratar e trabalhar o que chamamos de Geografia dos Esportes, é em sua essência, buscar novas realidades e novos olhares para se compreender a sociedade que vivemos, mas é também uma eterna busca para criarmos uma maneira ou forma de percebermos que são variáveis do lazer; e que deve possibilitar a todas as categorias momentos de usufruir da melhor forma possível os melhores lugares e paisagens que a vida possibilita, com mobilidade plena e com qualidade de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, C. A. B.; MARTINS, J. C. O. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e Subjetividade** 7(2), 479-500, dez. 2007.

BALE, J. **Sports Geography**. London: E. & F.N. Spon, 1989.

CUNHA, L. S.; CRAVIDÃO, F. D. Notas para uma Geografia dos Desportos radicais no centro de Portugal. In: SANTOS, N. P.; GAMA, A. (coords.) **Lazer, da libertação do tempo à conquista das práticas**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

DOMINGOS, C.; LEMOS, S.; CANAVILHAS, T. **Sem fronteira: Geografia 8º ano**. Vol. 2. 3ª ed. Lisboa: Plátano, 2016.

DUMAZEDIER, J.. **Lazer e cultura popular**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FERNANDES, J.; MATOS, M. J. **Geografar: Geografia 8º ano**. Porto: Santillana, 2014.

FERNANDES, L. Para além dos jogos: os grandes eventos esportivos e a agenda do desenvolvimento nacional. In: JENNINGS, A. et al. **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** São Paulo: Boitempo Editorial/ Carta Maior, 2014.

GASPAR, J. et al. Transformações recentes na geografia do futebol de Portugal. **Revista Finisterra**, XVII(34), 301-324, ago. 1982.

HOURDIN, G. **Uma civilização dos tempos livres**. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

JESUS, G. M. A geografia dos esportes: uma introdução. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. n. 35, mar 99. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-35.htm>. Acesso em 04 out. 2016.

LAFAGUE, P. **O direito à preguiça**. 3ªed. Lisboa: Teorema, 1991.

LOBO, J. **Geo Descobertas. 8ºano**. Vila Nova de Gaia: Edições Asa, 2014.

MARQUES, A. I. A educação e o lazer. **Millenium**. Viseu (PT), 29(8), 2003. Disponível em: http://www.ipv.pt/millenium/ect10_ana.htm. Acesso em 26 nov. 2016.

MASCARENHAS, F. O pedaço sitiado: cidade, cultura e lazer em tempos de globalização. **Revista brasileira de ciências do esporte**. 24(3),121-143, mai. 2003.

MASCARENHAS, G. Geografia do Esporte. **Atlas do Esporte no Brasil**. p. 719, 2005. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/geografia-esporte/>. Acesso em 03 set. 2016.

MOUCHO, C. **A minha terra: Geografia 8º Ano**. População e povoamento; atividades econômicas. Lisboa, Plátano, 2014.

OLIVEIRA, J. S.; TIRADENTES, L. Geografia do esporte e do turismo: o que se aprende em sala de aula?. **Revista Ponto de Vista**, v. 8, n. 1, p. 14-30, out. 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/9188>. Acesso em 18 abr. 2020.

OLIVEIRA, T. P.; LOPES, C. S. O Lazer como objeto de estudo da Geografia. **Geoiंगा**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia, v. 10, p. 19-41, 2018. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoiंगा/article/view/49353>. Acesso em 22 ago. 2020.

PATMORE, J. A. (1983). **Recreation and resources: leisure patterns and leisure places**. Oxford: Basil Blackwell, 1983.

PEIXOTO, A. Turismo na sociedade moderna. **Correio do Minho**, edição de 17-02-2012. Disponível em: <http://www.correiodominho.com/cronicas.php?id=3692>. Acesso em 28 nov. 2016.

PORTUGAL, IDESPORTO. **Carta Europeia do Desporto**. 1992. Disponível em <http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/Doc120.pdf>. Acesso em 12 dez. 2016.

PRONOVOST, G. Comprendre la société : un bilan critique de la sociologie du loisir. In: PRONOVOST, G.; ATTIAS-DONFUT, C.; SAMUEL, N. **Temps libre et modernité: mélanges en l'honneur de Joffre Dumazedier**. Québec: Presses de l'Université du Québec, 1993.

SANTOS, N. N. P. Lazer, espaço e lugares. In SANTOS, N. P.; GAMA, A. (coords.) **Lazer, da libertação do tempo à conquista das práticas**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

SANTOS, N. N. P. **A sociedade de consumo e os espaços vividos pelas famílias**: a dualidade dos espaços, a “turbulência” dos percursos e a identidade social. 1999. 606 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 1999. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/236687072>. Acesso em 25 jan. 2017.

TERCIO, D. Da autenticidade do corpo na dança. In. RODRIGUES, D. (edit.) **O corpo que (des)conhecemos**. Lisboa: FMH Edições, 2005.

UMBELINO, J. **Lazer e território**: contributo geográfico para a análise do uso do tempo. Lisboa: Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional, 1999.

UMBELINO, J. Lazer e turismo: dos conceitos às práticas. In: GOMES, R. M. (org.). **Os lugares do lazer**. Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal, 2005.